

Editorial

Vivemos tempos em que a escola se vê atravessada por múltiplas demandas — novas tecnologias, transformações sociais intensas, desafios estruturais persistentes. Porém, apesar disso, ou talvez por causa disso, seguimos apostando na potência da educação como prática de escuta, invenção e vínculo.

Nesta edição da revista *Pesquisas em Discurso Pedagógico*, temas como o uso das tecnologias digitais no cotidiano escolar e o trabalho com o lúdico aparecem com recorrência — e não por acaso. Eles expressam caminhos que educadores e educadoras têm buscado para reinventar suas práticas, renovar sentidos e, muitas vezes, resistir à lógica da instrumentalização que insiste em atravessar os espaços educativos.

A tecnologia, nesse contexto, não é tratada como solução mágica nem como ameaça incontrolável. Ela é presença concreta, parte do mundo em que vivemos e, por isso mesmo, exige reflexão, mediação e intenção pedagógica. É no encontro entre sujeitos, nas práticas de linguagem, que a mediação tecnológica pode ganhar sentido educativo — quando orientada por princípios éticos e dialógicos. Nesse sentido, o uso da Inteligência Artificial e do Prompt, por exemplo, reconfiguram o espaço e os saberes-fazeres da sala de aula.

O mesmo vale para o lúdico: não se trata de “entreter”, mas de reconhecer a dimensão criativa, sensível e simbólica da aprendizagem. Brincar, narrar, experimentar, escutar — tudo isso são formas legítimas de aprender e ensinar. E talvez nunca tenha sido tão necessário recuperar essa leveza no cotidiano escolar, tantas vezes atravessado por pressões, burocracias e desencontros. Seja pela linguagem do palhaço, seja pelas abordagens com bebês e crianças, os trabalhos publicados nesta edição nos convidam a aguçar nosso olhar e nossa escuta em busca de uma outra maneira de ensinar e aprender.

Afinal, como nos lembra Paulo Freire, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Essa frase, tantas vezes citada e às vezes esvaziada pelo uso automático, nos convida a lembrar que educar é gesto de confiança no outro, no mundo e na própria linguagem. É abrir espaço para que novas vozes se formem — não por repetição, mas por autoria.

É nesse movimento que esta revista se inscreve: no desejo de compreender o discurso pedagógico em sua complexidade — como prática social, como construção simbólica, como

espaço de disputa e de criação. Cada reflexão aqui publicada é parte de um esforço coletivo para pensar a educação em diálogo com a experiência, com o cotidiano e com os sonhos possíveis.

Seguimos, assim, fazendo da palavra escrita uma forma de presença, e da revista um lugar de encontro.

Boa leitura!

Atos Edwin Pereira da Silva Lucas

Editor

Doutorando em Antropologia Social (UFG)